
Um olhar mais humano - Análise da reportagem: “O Povo do Meio”, de Eliane Brum¹

Ingrid ROCHA²

Mônica C. P. SOUSA³

Universidade Veiga de Almeida, UVA, Cabo Frio, RJ.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo expor uma nova ótica em relação à reportagem “O Povo do Meio”, da repórter Eliane Brum, publicada em 2004 pela revista Época e parte do livro “O olho da rua”, publicado em 2008. Propõe-se a exposição de reflexões sobre a construção de um texto jornalístico-literário e, como esse texto, por meio de sua estrutura diferenciada, busca pontos de vista pouco contados e explorados no jornalismo corrente. Também se discute como essa narrativa traz uma perspectiva mais humana para suas fontes ao destacar os pontos marcantes do aprofundamento das histórias dos personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo literário; Eliane Brum; O Povo do Meio; Humanização;

Introdução

“Há uma cegueira ética na humanidade, cujos valores mais básicos estão sendo esquecidos ou substituídos pelos ideais da sociedade de consumo”⁴.

No livro “O olho da rua”, a jornalista Eliane Brum aborda dez reportagens, entre elas, a história do povo da Terra do Meio. A quintas das narrativas apresentadas no livro tem como título “O Povo do Meio”, conteúdo analisado neste estudo. A reportagem foi publicada em 4 de outubro de 2004 pela Revista Época e se passa na Terra do Meio, localizada na Amazônia. Ela conta a história de uma população que é descendente de nordestinos levados para o Norte a fim de explorar borracha na floresta tropical: um

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º período do Curso de Jornalismo da Universidade Veiga da Almeida.

³ Orientadora do trabalho. Pós-doutoranda em Comunicação da Uerj. Doutora em Comunicação pela UFF. Docente da Universidade Veiga de Almeida. monica.cpsousa@gmail.com

⁴ PENA, F. Jornalismo Literário. 2º Ed. São Paulo: Contexto, 2016. Página: 13.

povo em que 99% da população não possui documento de registro (certidão de nascimento).

O território em que essas pessoas vivem, chamada de Terra do Meio, fica localizado no interior da floresta Amazônica, entre os rios Xingu e Iriri. A terra é esquecida, ou, até mesmo, desconhecida pela grande mídia e negligenciada pelo Estado. Eles habitam nos confins da mata e dela tiram o mínimo necessário para a sua subsistência. Carentes de direitos básicos que lá ainda não chegaram, como saúde e educação. Na narrativa, a Terra do Meio é apresentada como um lugar, até então, a parte de sua pátria.

O presente trabalho vai abordar questões que envolvem a estrutura diferenciada da reportagem-conto em relação à sua proximidade com a fonte, aprofundamento das informações e construções de cenários para o assunto abordado. O estudo também visa a proporcionar uma breve reflexão ao modo como lidamos com o outro, visto que, o jornalismo é uma atividade exercida por pessoas para as pessoas.

A narrativa que aproxima: A reportagem-conto

Para compreender a circunstâncias que englobam a escrita da repórter Eliane Brum, é preciso conceituá-la. A obra “O Olho da Rua” é uma compilação de dez grandes reportagens. Esse exemplar é denominado livro-reportagem, que, de acordo com Felipe Pena (2016), são exemplos de narrativas pertencentes ao Jornalismo Literário. Eles, em sua maioria, são um conjunto de reportagens-conto e reportagens-crônicas que trazem em seu texto a apresentação dos fatos cercada de arranjos literários no decorrer da narrativa. Neles, são usadas técnicas da literatura para compor e potencializar a escrita das matérias sem se abster da objetividade jornalística. A maior parte das segmentações que juntam jornalismo e literatura se baseia no compromisso com a veracidade das informações somadas aos artifícios literários. (PENA, 2016)

Segundo Felipe Pena (2016), as reportagens-conto são exemplos de textos jornalísticos que se baseiam em uma descrição dos acontecimentos diferente da prática da ficção-jornalística. Segundo Sodré e Ferrari (1986), no atual jornalismo, existem três tipos fundamentais de reportagem: a Reportagem de fatos (*fact-story*), que se baseia na pirâmide invertida ao seguir a sequência dos acontecimentos ou por nível de importância; a Reportagem ação (*action-storie*), que costuma começar pelo fato de mais

impacto e que possa chamar mais atenção; e a Reportagem documental (*quote-story*), que se estabelece a partir de citações para que a reportagem se torne mais objetiva.

De acordo com os autores, existem outros tipos de reportagem além dos tipos fundamentais citados acima, como a reportagem-conto, por exemplo. A reportagem-conto possui diversas características. Entre elas, exerce o uso do discurso narrativo para chamar a atenção do leitor para o conteúdo da reportagem com acontecimentos que não se prendem ao factual e que não se limitam à lógica do tempo de produção do texto e do espaço de cobertura dos fatos a serem descritos. Outra característica é que o fato narrado gira em torno de um personagem com o qual a história é desenvolvida, ou seja, o tema da reportagem é trabalhado a partir de um nome.

A típica reportagem-conto tem uma estrutura mais orgânica. Geralmente particulariza a ação em torno de um único personagem, que atua durante toda a narrativa. Os dados documentais entram dissimuladamente na história e o texto aproxima-se tanto do conto, que incorpora até fluxo de consciência dos personagens. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 81)

A história da reportagem “O Povo do Meio” se passa no meio da floresta Amazônica, fato que, para a prática do jornalismo diário, é geograficamente limitante para a cobertura. Além da localidade, obter as informações relatadas no texto demandou tempo, principalmente, para aprofundá-las. A narrativa também é pautada na história de um único personagem, o Raimundo, utilizada para dar identidade ao povo da Terra do Meio.

Uma reportagem-conto, para Sodré e Ferrari (1986), com base nos estudos do escritor russo Anton Pavlovitch Tchekhov, deve possuir quatro características indispensáveis. A primeira delas é a força, ou seja, o texto “arrebata o leitor e faz com que ele chegue ao fim da narrativa. Os pressupostos para tal resultado estão ligadas à seleção de elementos [...] que, combinados em sequência, produzem um efeito”.(SODRÉ e FERRARI, 1986, p.75). No caso da reportagem “O Povo do Meio”, ela está presente na humanização e aproximação que é estabelecida entre personagem e jornalista no decorrer do texto, e que é passada ao leitor. A segunda é a clareza: ela detém o dever de mostrar todos os fatos de forma que possam ser compreendidos por quem lê. Os detalhes devem ser na medida certa atrelado à objetividade que “são vitais para não escapar a força do texto [...] e não perder o leitor no meio da história”.

(SODRÉ e FERRARI, 1986, p.76). Eliane segue uma ordem que vai do personagem até o contexto em que ele vive. Primeiro, ela apresenta Raimundo, depois a Terra do Meio, sua localidade, em seguida apresenta os problemas enfrentados por essas pessoas, pontua e explica cada situação vivida por ele a fim de criar um cenário compreensível para o leitor. A condensação é terceira característica e tem como objetivo compactar a narrativa a modo de que esteja presente nele apenas o necessário e o mais importante, pois “o exagero no detalhamento é mortal” em uma narrativa. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.76) A reportagem evidencia as deficiências sociais da população e a luta pela permanência deles nas terras em que vivem com intuito de contextualizar a narrativa para o leitor. Sem criar uma rede de detalhes irrelevantes que podem confundir quem lê o texto. Por último, a novidade, que engloba trazer um novo assunto a ser apresentado ou uma nova perspectiva sobre o que irá ser publicado, “não significa forçosamente rompimento com as estruturas formais [...], sobretudo uma abordagem original” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.76). É como, por exemplo, escrever sobre um povo no meio da floresta Amazônica que enfrenta desafios, entre eles ameaça de morte. Traz em si todo o conceito que essa característica pede.

Sodré e Ferrari utilizam a “unidade de efeito” defendida por Edgar Allan Poe, em que o conto deve ter um toque de suspense essencial para manter o leitor interessado a continuar a leitura, “que consiste em uma unidade de tensão (suspense) em relação ao tamanho do conto” (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.75). Como o fato de que o Povo do Meio está jurado de morte por causa do interesse nas terras em que vivem e a luta para conseguir o direito de serem registrados e que faz o leitor querer saber as consequências dessa ameaça.

A humanidade dos Raimundos

A reportagem “O Povo do Meio” traduz em palavras a sina de um povo que não tem acesso à educação, participação política, saúde, entre outros direitos assegurados por lei. Pessoas que não possuem a documentação necessária para serem consideradas cidadãos brasileiros. Os habitantes dessa terra vivem no interior de umas das florestas mais conhecidas do mundo, porém estão à mercê do governo.

No livro “O medo dos bárbaros”, o autor búlgaro Tzvetan Todorov (2010) traz a reflexão sobre as diferentes culturas que há no mundo e o comportamento da sociedade

perante a elas. Para não entrar em grandes incógnitas, ele propõe dividir os homens em duas partes: o homem bárbaro e o homem civilizado.

Em sua pesquisa, Todorov (2010) vai se limita a dizer que o bárbaro é “todo aquele que não reconhece a plena humanidade dos outros.” (TODOROV, 2010, p. 27). Ele também pontua que a barbárie faz parte do ser humano e que não há como excluí-la de si mesmo. Ela não é pertencente a um determinado período histórico, ou a um povo específico. A barbárie pertence à humanidade, ao homem que a pratica e que todo povo é capaz de cometer um ato de barbárie. E, que mesmo consumando tal ato, o ser humano não perde, em si, sua humanidade.

Essa capacidade leva-nos a ficar à disposição daqueles que, até mesmo desconhecidos, têm necessidade de ajuda, assim como reconhecer a dignidade igual dos outros apesar de serem diferentes de nós. No entanto, é também ela que nos orienta ao submetemos o outro à tortura ou quando estamos envolvidos a um genocídio: os outros semelhantes a nós, eles têm pontos vulneráveis semelhantes aos nossos, eles aspiram aos mesmos bens; logo, temos eliminá-los da superfície da terra. (TODOROV, 2010, p. 32)

A reportagem o Povo do Meio, analisada nesta pesquisa, acrescenta outras circunstâncias que acontecem naquela região. Ela contextualiza a atual situação da Amazônia, e o resultado dessa contextualização são mortes, trabalho escravo, extração ilegal de madeira entre outros expondo a barbárie vivida pelo Povo do Meio.

Ao ter em vista que o oposto do bárbaro é o civilizado, Todorov (2010) afirma que o civilizado é a pessoa que reconhece a humanidade no seu semelhante e que é preciso compreender que os outros possuem modos diferentes de viver e que, ainda assim, são capazes de possuir uma humanidade parecida. É enxergar o que há de humano no outro e, assim, compreendê-lo.

O afastamento ou rejeição de outros povos pode dar espaço à barbárie, quando “considerar-se único grupo propriamente humano, recusa-se a conhecer algo fora da sua própria existência ou a oferecer algo aos outros, permanecer deliberadamente enclausurado em seu meio de origem, eis um indício de barbárie” (TODOROV, 2010, p. 27). Para o autor, aceitar a pluralidade das diferentes sociedades e culturas é fazer uso da empatia, ou seja, se colocar no mesmo plano que o outro, que é uma característica ligada à civilidade. (TODOROV, 2010)

Todorov (2010) define cultura como conjunto de características de vida social e que qualquer ser humano tem sua prática cultural. Ela é construída pelos diversos povos existentes, e são elas “as maneiras coletivas de viver e de pensar, às formas e aos estilos de organização do tempo e do espaço [...] língua, religião, estruturas familiares, modos de construção das casas, ferramentas, maneiras de comer e de vestir.” (TODOROV, 2010, p. 38)

A cultura não é determinada por seu conteúdo, mas pela sua construção, que se dá no coletivo, nas práticas sociais que antecedem a comunicação, consequência dessas interações. A forma como a cultura é praticada mostra como olhar o mundo, pois ter cultura procede de ter uma organização pré-estabelecida a partir das vivências de um povo. As manifestações culturais são muitas e isso não impede a prática humana do homem. Não se devem julgar tais culturas por seus atos de barbárie e nem de civilidade, pois ambos pertencem ao homem. A barbárie e a civilidade fazem parte do caráter próprio da condição humana (TODOROV, 2010).

O uso do nome Raimundo no decorrer da reportagem ganha o sentido de todo, ao representar a realidade de muitos outros que vivem na Terra do Meio. A narrativa se desenvolve a partir da vida dele para denunciar a situação vivenciada pela população desse lugar. Relatar o cotidiano de pessoas que, em pleno século XXI, não possuem direitos básicos, cresceram e vivem nesse lugar. São pessoas, seres humanos com uma cultura diferenciada de parte do país devido ao modo de vida da floresta. Sobrevivem na abundância das riquezas da floresta, porém não há acesso à saúde, e muito menos à educação. Além disso, o Povo do Meio sofre ameaça de ter suas terras tomadas pelos grileiros, homens pagos para tomá-las para seus patrões que vivem no litoral do Brasil. Ao terem sua história escrita, nasceram aos olhos da sociedade litorânea e arredores do Brasil puderam ter conhecimento da realidade dessa gente.

Não é porque a cultura dessa gente é diferente que não haja civilidade nela, pois como afirma Todorov (2010) que ser civilizado é perceber o que há de humano no outro independente da forma como a cultura é construída, afinal somos seres humanos. O povo do Meio é composto por pessoas da mesma forma que o litoral do Brasil também é.

Amor ao próximo

Bauman (2004) aborda em seus estudos a dificuldade que a humanidade encontra, hoje, de amar o próximo. Ao introduzir os estudos de Freud, ele aponta que o mandamento: amar ao próximo como a si mesmo, é fundamental para o estabelecimento da civilização humana, embora, na prática o interesse próprio é promovido a primeiro lugar.

Somos tentados a concluir, contra o bom senso, que “o amor ao próximo” é “um mandamento que na verdade se justifica pelo fato de que nada mais contraria tão fortemente a natureza original do homem”. Quanto maior a probabilidade de uma norma ser obedecida do que qualquer outra. (BAUMAN, 2004, p. 46)

Segundo o estudioso, admitir a necessidade do amor ao próximo é um ato de origem humana. Sem ele, as relações sociais seriam apenas interações fundamentadas no interesse próprio. Se esse amor fosse deixado de lado, seria difícil alguém fazer as devidas reflexões em relação a sua abrangência e eficácia, além de sua insuficiência de ser alcançado por completo.

Bauman (2004) aponta, também, a importância de acreditar no amor próprio, pois é um ato de fé. Esse preceito carrega em si a função de evoluir o ser humano, ou seja, torná-lo apto de praticar a moral. Nele está o princípio da humanidade, de enxergar no outro a possibilidade de empatia e compaixão. Assim, o homem não apenas sobrevive, mas aprende a enxergar o outro nas relações sociais. A moralidade é capaz de transformar os instintos individualistas em coletivos.

“Amar ao próximo como a si mesmo” coloca o amor-próprio como um dado indiscutível, como algo que sempre esteve ali. O amor-próprio é uma questão de sobrevivência, e a sobrevivência não precisa de mandamentos, já que as outras criaturas (não-humanas) passam muito bem sem eles, obrigado. Amar o próximo como se ama a si mesmo torna a sobrevivência humana diferente daquela de qualquer outra criatura viva. Sem a extensão\transcendência do amor-próprio, o prolongamento da vida física, corpórea, ainda não é, por si mesmo, uma sobrevivência humana – não é tipo de sobrevivência que separa os seres humanos das feras (e, não se esqueçam dos anjos). (BAUMAN, 2004, p. 46)

Colocar em ação o mandamento de amar o próximo é um desafio a ser enfrentado, pois ele vai de encontro ao instinto de sobrevivência que é de ordem individualista e natural do ser humano. Reformula o significado de sobreviver e agrega

outro nível de relevância para o de amor-próprio, instituído como o mantenedor da existência humana. (BAUMAN, 2004)

Expôr temas relacionados às lutas sociais traz para a sociedade a possibilidade de debate, reflexão em relação ao seu próximo. Reportagens como “O Povo do Meio” abordam temáticas que devem despertar o posicionamento humano a fim de desencadear o sentimento de coletividade e papel social. Dessa forma, o uso da moral é estabelecido ao deixar de lado as questões do indivíduo (amor-próprio) para participar de ações de cunho coletivo (amor ao próximo) que nada mais é que se colocar no lugar do outro e buscar melhorias para todos.

O Povo do Meio, de Eliane Brum

A reportagem “O Povo do Meio” apresenta um único personagem, que se chama Raimundo, no começo de sua narrativa. Eliane dá partida na história fazendo correlação ao sobrenome de Raimundo com o do então presidente da República Luiz Inácio, ambos Silva. Contudo, apesar do sobrenome semelhante, a vida de Raimundo não se compara nem de longe à que Lula vive: “Raimundo Nonato da Silva não sabe quem é Luiz Inácio Lula da Silva. Entre os dois Silvas, o presidente do Brasil e o brasileiro sem presidente, há um vasto mundo no qual se chamar Raimundo nem é rima nem é solução.” (BRUM, 2008, p. 159). O uso da premissa de narrar os fatos em torno de um ator principal em um texto jornalístico-literário é característica presente nas reportagens-conto.

O uso do nome Raimundo no decorrer do texto ganha o sentido de todo, ao representar a realidade de muitos outros que vivem na Terra do Meio. A narrativa se desenvolve a partir da vida dele para denunciar a situação vivenciada pela população desse lugar. O problema que essa população vivencia não é um ocorrido recente, por isso, fica de fora das notícias do dia a dia. Segundo Sodré e Ferrari (1986) a transmissão de acontecimentos não factuais é característica das reportagens-conto. Elas costumam ir atrás de temáticas que ficam à margem do jornalismo diário.

Ele vive num país desconhecido do próprio Brasil, onde a maioria dos homens atende por Raimundo. Sua república fica no coração da Amazônia e pertence a uma região cujo nome parece ter saído do universo mitológico de J.R.R.Tolkien: Terra do Meio [...] Oficialmente, os Raimundos e Raimundas não existem.” (BRUM, 2008, p. 159)

Aos poucos as mazelas desse lugar são retratadas. Um povo analfabeto, do qual 99% das pessoas não são registradas em cartório, não possuem direito ao voto e sobrevivem à margem da sociedade.

Raimundo ganha roupagem humanizada na reportagem. Uma boa entrevista deve seguir o caminho da empatia, vista como uma continuidade da relação com o outro. É preciso compreender que a entrevista é uma prática humana e que isso deve ser levado em conta e que se faz necessário avançar em “um diálogo possível numa sociedade que impera a divisão, a grupalidade, a solidão” (MEDINA, 2008, p. 6), pois a comunicação se fundamenta no ato de conectar as pessoas. A entrevista é fruto de relações humanas e que cumpre sua função quando transmite ao leitor a emoção presenciada no momento dela. (MEDINA, 2008)

Sua descendência nos exploradores da borracha, a localização da Terra do Meio, que fica situada entre os rios Xingu e Iriri, o parentesco compartilhado entre a população e rotina de sua família. Sua vida é contextualizada e ganha aprofundamento, com o uso da dramatização e caracterização dos atores presentes do texto para dar uma dinâmica diferente aos textos. Informações como nome completo, idade e número de membros da família estão presentes no decorrer da história e fazem com que o texto traga um “detalhamento de um ambiente, das feições de uma pessoa cumpre o papel de informar o que ocorreu em determinada ação ou como é certo indivíduo, salpicando a narrativa com pontos de referência e ganhando em credibilidade.” (BORGES, 2013, p. 231) Os dados básicos do personagem devem aparecer na reportagem-literária, porém não precisam ser apresentados no início da reportagem, como acontece no jornalismo diário. (BORGES, 2013)

Imagem 1 - Raimundo Nonato e sua família.



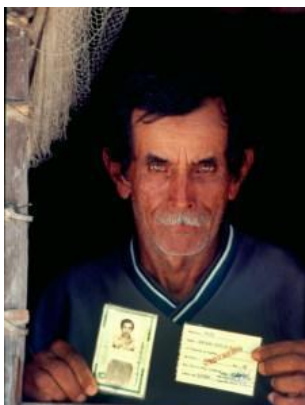
O aprofundamento das fontes permite que a reportagem, como afirma Borges (2013), transborde informações. O texto apresentado em “O Povo do Meio” demarca seu ponto de partida com a construção de um homem, Raimundo. Em seguida, o transforma em uma família, o povo da Terra do Meio, para assim, expor a situação vivida por essa gente. Um sentimento de pertença é estabelecido nas entrelinhas da narrativa. Medina (2008), diz que quando uma história segue uma vertente mais humanizada, ela consegue gerar emoção a quem lê.

O Povo do Meio pode desaparecer antes que o país oficial se aperceba dele. Como a floresta em que vive, e com a qual se confunde, está ameaçado de extinção. Descendentes de soldados da borracha, nordestinos levados para os confins da selva pelo governo de Getúlio Vargas na Segunda Guerra Mundial, por lá ficaram e multiplicaram-se formando uma só família com menos de duzentas pessoas entrelaçadas em intrincada teia de parentescos. Vivem como os índios viviam antes de terem contato com o que se chama de civilização. Caçadores e coletores, comem o que a floresta lhes dá. E ela lhes dá muito. (BRUM, 2008, p.160)

Após a Terra do Meio ser destrinchada, os inimigos desse lugar ganham espaço. A paz que um dia havia sido estabelecida nos confins da Amazônia acaba. Os grileiros, homens com posse de arma e liberdade para matar, chegam até a terra de Raimundo. “Esses predadores da floresta são velhos conhecidos da Amazônia [...] Empunham títulos de terra forjados numa rede de corrupção que começa nos cartórios e chafurda em intermináveis caminhos da Justiça. Apregoam-se donos de milhares, milhões de hectares de floresta.” (BRUM, 2008, p. 150).

Outro personagem é apresentado para dar continuidade à narrativa, o Herculano Porto. Ele é o único morador da Terra do Meio que possui documento. Um senhor de idade, analfabeto, “alfabetizado na língua da água” detentor das habilidades necessárias para enfrentar os caminhos e conseguir ser registrado, assim tornou-se o representante da comunidade. Esse homem tinha a responsabilidade de trazer para seu povo um documento que pedia que as terras de seu povo tornassem uma reserva extrativista e que ele levasse bolas de futebol para aqueles que o esperavam.

Imagem 2 - Herculano Porto com seus documentos em mãos.



Tanto Raimundo quanto Herculano são retratados com homens da mata que dominam os saberes de seu lugar. Eles sabem exatamente o que a terra fornece, conhecem os sons que vêm da floresta, são homens em alerta com suas velhas espingardas. São homens que lutam contra os interesses dos grileiros que vieram para tirar o sossego desse povo.

Os grileiros aproveitam-se do abandono para oferecer o que o Estado não dá. “Quero levar melhorias para aquele povo. Escola e posto de saúde. Já botei um carro à disposição deles”, diz Edmilson Teixeira Pires, 51 anos, que reivindica a posse de algumas dezenas de quilômetros quadrados. Já riscou uma estrada a partir da Transamazônica, onde instalou mais de uma casa e dezenas de peões. Só não chegou ao rio porque encontrou em seu caminho Luiz Augusto Conrado, 51 anos, conhecido como Manchinha por conta de uma mecha de cabelos brancos que ostenta desde bebê. “Pode recuar. Na minha terra vocês não entram”, avisou. (BRUM, 2008, p. 169-170)

A história termina com quem começou, Raimundo, Terra do Meio e a luta de pessoas por suas raízes. Uma cultura única que se estabeleceu no meio da mata e que precisa ser preservada, um apelo que é feito ao longo da reportagem. Eliane Brum constrói personagens humanos, com características próprias e cheios de vida. É perceptível como o ambiente é formado a ponto de levar o leitor a floresta Amazônica, de aproximá-lo com esse povo, de dar mais que dados fatídicos que podem ser encontrados nos jornais diários. Essa conduta textual propõe mais credibilidade a narrativa jornalística, de acordo com Borges (2013).

Raimundo Nonato da Silva, o brasileiro que não sabe quem é Lula, tem um campo de futebol diante de sua casa de pau a pique coberta de babaçu. Nos domingos, seus meninos trocam a faquinha da seringa pela bola. É nesse cartório de chão batido que registram seu nascimento. “Era bom saber o nome do presidente do Brasil por saber, mas diferença não faz”, afirma. Quem não conhece a sina de Raimundo poderia achar que ele é variado das ideias. Desde que nasceu, herdeiro de um soldado da borracha que caiu morto no seringal – “Meu pai se chamava Zuza, sobrenome Zé” –, viveu uma vida sem Estado. Sabe apenas que para além do rio há um lugar chamado cidade, que concebe, enigmaticamente, como “um tipo de movimento”. Para ele, tanto faz mesmo o nome do presidente. A ideia de país não pertence ao seu imaginário. É o Brasil que precisa descobrir Raimundo, antes que seja tarde. (BRUM, 2008, p.159)

O Jornalismo Literário traz em si a proposta de intensificar os atores do texto. Com uma dinâmica diferenciada dos jornais do dia a dia, traz novas perspectivas de se fazer jornalismo. Uma delas é ir atrás de histórias como a de Raimundo, que só pôde ser contada de perto, com detalhamento e não como uma notícia publicada no jornal que dependendo das vezes é apurada por telefone ou segue apenas as perguntas que devem ser respondidas no *lead*. Medina (2008) menciona que uso da emoção em uma matéria é uma maneira diferente de se produzir uma narrativa que encante o leitor e isso não quer dizer que o texto deve ser claro, preciso e bem apurado.

Considerações finais

É característica da reportagem-conto trabalhar a cronologia das informações a partir de um personagem. A narrativa dessa modalidade jornalística permite abordar temáticas que fogem do factual. Além de utilizar técnicas literárias na construção do texto a fim de chamar a atenção do leitor e intensificar o assunto descrito na narrativa. Nela há a possibilidade de quebrar os padrões do lead ao apresentar as informações distribuídas ao longo da história.

A humanização dos personagens se faz de extrema importância para alcançar quem lê e estabelecer proximidade com eles. Assim, cria um laço entre os envolvidos na prática jornalística. Enxergar a humanização nos personagens e criar cenários que proporcionam a experimentação do leitor em relação ao texto. Há uma necessidade de publicar questões mais complexas e que não estão presentes nos nichos noticiosos.

O jornalismo constrói as notícias a partir do cotidiano das pessoas, ou seja, lida com vidas humanas e ao fazer isso, ele tem grande responsabilidade social. O uso da

sensibilidade nas práticas jornalísticas resulta em grandes produções e que despertam a sociedade para assuntos que precisam do coletivo para serem debatidos e que ultrapassam a lógica de tempo limite para a apuração e de abrangência geográfica.

A reportagem-conto “O Povo do Meio” de Eliane Brum mostra o quão é possível criar um relacionamento a longo prazo com o entrevistado, construir a história da reportagem com artifícios comuns da literatura em conjunto das práticas de redação jornalística, além de fomentar discussões sociais em relação a temas que se encontram ignorados ou, até mesmo, desconhecidos pela sociedade.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmund. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos seres humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BORGES, R. **Jornalismo Literário – Crítica e Análise**. São Paulo: Insular, 2014.

BRUM, E. **O olho da rua: Uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

MEDINA, C. **Entrevista. O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2016.

SODRÉ, M., FERRARI, M.H. **Técnica de reportagem. Notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus editorial, 1986.

TODOROV, T. **O medo dos bárbaros: para além dos choques da civilização**. Editora Vozes, 2010.

Site

REVISTA ÉPOCA, O Povo do Meio. Disponível em:

<<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT818679-1664-1,00.html>> Acessado

em: variadas datas.